

Descentrar o Antropos: o que isso significa para a pesquisa em educação?

Organizadores:

Elizabeth Fernandes de Macedo^I

Thiago Ranniery^{II}

John A. Weaver^{III}

^IUniversidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Curitiba/PR – Brasil

^{II}Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro/RJ – Brasil

^{III}Georgia Southern University, Statesboro/Georgia – EUA

“Então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia”. A conhecida observação final de Michel Foucault em *As Palavras e as Coisas* tem ressoado por muito tempo nas ondas críticas dirigidas ao humanismo por diferentes tradições pós-estruturalistas e por seu projeto compartilhado de descentramento do sujeito. Ao longo do último quartel do século XX, uma variedade de movimentos políticos e epistemológicos chamou a atenção para a economia excludente dos discursos sobre o que significa ser, viver, agir ou ocupar a categoria do Humano. Esses debates trouxeram à tona limites, margens e fronteiras borradas, ao mesmo tempo em que enfatizaram a instabilidade, a fluidez e a vulnerabilidade do humano, bem como suas relações de interdependência e coabitação com outros.

Hoje, contudo, a crítica ao humanismo parece mover-se em novas direções. Cresce o reconhecimento de que o humano – ao menos tal como foi convencionalmente concebido – tem dominado e restringido o horizonte do pensamento crítico, mesmo no interior de formulações pós-estruturalistas que buscaram deslocar a ênfase da agência e da intencionalidade do sujeito. Embora com frequência descritas como anti-humanistas, muitas dessas formulações – associadas às chamadas viradas linguística e cultural – podem, ainda assim, ter permanecido antropocêntricas. Ao privilegiarem a epistemologia em detrimento da ontologia, a linguagem em detrimento da matéria e a representação em detrimento do realismo, tais abordagens mantiveram, em certa medida, o humano como centro implícito de análise.

Ao mesmo tempo, as condições contemporâneas, que vão da intensificação das crises ecológicas à proliferação de formas generalizadas de guerra, têm desafiado cada vez mais a separação moderna entre o humano e seus outros. A natureza, a Terra, o mundo e o cosmos passam a ser compreendidos como portadores de formas de agência irredutíveis à subjetividade humana. Essas agências não apenas revelam a distribuição desigual da condição humana, mas também ameaçam a própria figura do humano enquanto espécie e, consequentemente, enquanto pressuposto ontológico.

Buscando ecoar uma constelação diversa e pouco redutível de movimentos intelectuais recentes – entre eles o realismo especulativo, a ontologia orientada a objetos, os novos materialismos, o pansiquismo, o perspectivismo ameríndio, os estudos multiespécies, o pós-humanismo, o pensamento vegetal, as humanidades ambientais, o pensamento negro radical e os estudos de ciência e tecnologia – este dossiê convida pesquisadoras e pesquisadores a refletirem sobre os limites de tomar o *antropos* como ponto de partida privilegiado para a pesquisa em educação em nosso presente marcado por catástrofes. O alcance do humano pode não ser, e talvez nunca tenha sido, tão estável ou autoevidente quanto se supunha. Sua suposta obviedade se torna evasiva quando examinada em termos ontológicos e materiais. E se o humano já não puder ser separado

daquilo que está além ou aquém dele: de entidades, processos e relações que permanecem parcialmente desconhecidos ou mesmo fundamentalmente inassimiláveis?

Dando continuidade a discussões anteriores – como a seção temática organizada para *Educação & Realidade* por Leandro Belinaso e Daniela Ripoll sobre seres vivos, ambientes e relações ecológicas, esta chamada de artigos propõe estender a crítica educacional ao humanismo ao engajar-se de forma mais direta com o antropocentrismo que lhe é subjacente. O dossiê busca reunir contribuições que cartografem respostas emergentes e especulem sobre imaginários educacionais alternativos capazes de questionar o recurso automático ao *antropos* como centro da análise e fundamento das epistemologias da pesquisa em educação. São bem-vindos, dentre outras possibilidades, artigos teóricos, ensaios especulativos, análises de experiências educacionais e curriculares, estudos de caso, resultados de pesquisas empíricas e revisões de literatura. Nesse sentido, os textos que esperamos reunir funcionarão como exercícios de pensamento por meio dos quais a educação pode ser reconsiderada para além da suposição de que ela se fundamenta exclusivamente nas relações entre humanos. Tal suposição tem sido com frequência sustentada pelo currículo como garantia de um projeto transcendente de formação, legitimando assim a exclusão de outros seres, materiais e forças do pensamento educacional.

Orientado pela intuição de que a presença desses movimentos políticos e conceituais ainda permanece tímida na pesquisa em educação – e longe de ter realizado todo o seu potencial transformador, este dossiê pretende reunir um amplo conjunto de perspectivas que explorem como desvios de formas arraigadas de antroponormatividade podem abrir possibilidades para imaginar a educação de outras maneiras. De fato, ainda não sabemos o que a pesquisa em educação poderia se tornar, o que poderia fazer ou que formas poderia assumir fora de um enquadramento antropocêntrico. Historicamente, a escola, os currículos, assim como noções de formação e conhecimento, têm sido enunciados no registro antropocêntrico, produzindo teorizações e políticas para o humano individual e autônomo. Quais os efeitos de pensá-las assumindo uma postura relacional atravessada pela alteridade? O que a interrogação quanto à centralidade do *antropos* pode significar à pesquisa em educação? Como podemos viver a educação a partir de uma ética especulativa do encontro com e nos mundos mais-que-humanos?

Importa destacar que este dossiê não busca proclamar o fim do humano. Ao contrário, convida a investigações que examinem os modos pelos quais formas de viver e morrer podem ser compreendidas como densamente emaranhadas entre e com múltiplas criaturas, ambientes e mundos. Encontros com monstros e seres artificiais, a convocação de entidades mais-que-humanas e extra-humanas, o engajamento com objetos e coisas, a renovada atenção às materialidades e substâncias, bem como a sensibilidade para infraestruturas e paisagens, interpelam a posição da humanidade como referência ética e política privilegiada. Esses emaranhados se desdobram por meio de fricções, traduções, equívocos e transfigurações que complicam qualquer entendimento estável da condição humana.

Em última instância, o dossiê busca mapear o rico e indeterminado conjunto de criaturas, figuras e histórias que desafiam o imaginário educacional contemporâneo ao nos compelir a descentrar o *antropos*. Será dada atenção, ainda que não apenas, às questões ecológicas, climáticas e ambientais; às cosmologias ameríndias e afrodiáspóricas; às transformações sociopolíticas associadas às infraestruturas digitais algorítmicas; e às configurações animistas do capitalismo planetário, incluindo suas interseções com agendas políticas ultraconservadoras.

Submissões apenas na seção “Antropos” da revista:
(<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade>)

Prazo de submissão: até 30 de novembro de 2026

Publicação: 2027